

04

Carlos Nuno Lacerda Lopes

Arquitectura e modos de habitar
Conversas com arquitectos

ALCINO SOUTINHO

“(...) é necessário ensinar a um estudante que a sala é um problema de proporção. Porque os aspectos elementares da articulação funcional e espacial já estão adquiridos através de outras formas. O que me parece é que, para além do aprofundamento deste ensino, deveriam ser vistos complementarmente aspectos que têm a ver com o equilíbrio relativamente aos aspectos construtivos: a relação equilibrada entre a construção e a configuração.”

04

Carlos Nuno Lacerda Lopes

Arquitectura e modos de habitar

Conversas com arquitectos

ALCINO SOUTINHO

NOTA PRÉVIA

Arquitectura e Modos de Habitar | Conversas com Arquitectos

A edição deste livro é produzida através dos trabalhos realizados no Centro de Inovação em Arquitectura e Modos de Habitar (CIAMH), integrado no Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

O CIAMH actua preferencialmente como um observatório sobre os fenómenos de inovação na arquitectura centrada nos novos modos de projectar, novos modos de construir e novos modos de habitar os espaços arquitectónicos na contemporaneidade. Tem como foco de estudo a Arquitectura segundo três linhas de investigação que se procuram interligar com vista à compreensão dos fenómenos contemporâneos da produção arquitectónica na sua relação com (i) o projecto e com as novas metodologias de concepção, (ii) com a construção e a introdução de novas e velhas tecnologias, materiais e processos construtivos, e, por fim, (iii) com a compreensão dos fenómenos de utilização, ocupação e adaptação desta arquitectura aos modos de vida nas suas complexas realidades, quer geográficas e urbanas, quer políticas e sociais, quer tecnológicas e materiais, ou seja, com a realidade múltipla que nos conforma e que a Arquitectura também forma.

A colecção que decidimos agora editar tem por base um conjunto de entrevistas, conversas e reflexões com alguns dos mais representativos arquitectos da mais reconhecida escola de arquitectura portuguesa, geralmente referida como “Escola do Porto” que, mais do que um local de ensino, designa sobretudo um modo especial de ver o mundo, de estar no mundo e, sobretudo, de actuar e construir esse mundo.

Este é apenas um exemplar desta colecção e nessa medida é, tão-somente, um elo de uma cadeia maior que ganhará outra identidade e expressão numa leitura global que convidamos o leitor a realizar. Diríamos que é uma parte de um discurso que se deve compreender no seu todo, de modo a enquadrar melhor os fenómenos da criação, da construção e da produção da arquitectura através das palavras de alguns dos seus protagonistas, os seus autores e assim podermos perceber as variantes e invariantes de um modo de ver e de fazer arquitectura no início do séc. XXI em Portugal.

Deste modo, procuramos cumprir um dos objectivos presentes em qualquer trabalho científico: o de promover, partilhar, divulgar e, sobretudo, disseminar, para além do conhecimento produzido, as conclusões, os dados obtidos ou, tão apenas, o material recolhido. Num primeiro olhar, é exactamente disto que se trata: divulgar, dar a conhecer, permitir que outros desenvolvam e aprofundem as suas pesquisas e os seus modos de ver a Arquitectura que Portugal, em dado momento, realizou sem qualquer interferência ou interpretação.

O que pensam os nossos arquitectos, como vivem, como são as suas casas e como se relacionam com a profissão, com as obras que produzem e como as produziram, como eram e são os seus clientes, o que lhes pediam, como resolviam os seus problemas e, sobretudo, como participam e se interligam com a sociedade, são alguns dos temas que estas conversas visitam sem subterfúgios e em discurso directo.

O facto de muitas destas entrevistas terem sido realizadas há quase uma década, com alguns nomes de referência no panorama da arquitectura nacional, e alguns deles já não se encontrarem entre nós, reforça o valor e a importância documental deste trabalho, permitindo um distanciamento esclarecedor que o tempo já ajudou a filtrar.

Ao longo destas páginas e desta pequena colecção procuramos compreender o processo evolutivo da construção de um ideal de arquitectura, de profissão, de sociedade e de escola que, de um modo claro e objectivo, estas “conversas com arquitectos” nos oferecem, tendo por base uma reflexão pessoal e aberta sobre a arquitectura e os modos de habitar e construir Portugal no início de um novo século que se adivinhava portador de novos e complexos desafios à sociedade e à arquitectura.

Talvez por isso, a pertinência desta colecção que nos permite esclarecer e entender as inquietações teóricas e práticas bem como as circunstâncias que fundamentam a arquitectura portuguesa dos dias de hoje.

INTRODUÇÃO

Alcino Soutinho, uma outra direcção.

Estamos habituados a ver as obras de Alcino Soutinho como diferenciadoras e algumas delas chegam a ser arrebatadoras. Podemos dizer que de, um modo geral, apresentam-se distintas! Não procuram esconder-se ou ficarem dissimuladas, integradas num qualquer contexto histórico, paisagístico ou cultural. Assumem algum protagonismo, que as coloca num permanente patamar de visibilidade, bastante diferenciado de uma outra prática que a sua escola ensina e sobretudo pratica. Com grande expressão internacional, sobretudo em Itália, a sua arquitectura apresenta-se por diversas vezes como uma alternativa, uma evolução de um modo de fazer e, sobretudo, como uma actualização de uma linguagem mais austera e rigorosa que a Norte se desenvolvia.

Falamos, por conseguinte, de uma visibilidade, de uma identidade e de um modo de pensar, projectar e construir de uma arquitectura de autor que Alcino Soutinho, desde que se formou em 1957, procurou solitariamente realizar.

Percebemos que não terá sido fácil distinguir-se no panorama intelectual quando outros, como Siza, haviam conquistado os olhares e o interesse pela qualidade da sua arquitectura, feita de desenho, dificuldades, de compro-

misso e da interpretação do real, sobretudo da actualização da tradição e da interpretação pragmática de modelos internacionais que o Movimento Moderno parecia querer esquecer.

De tudo isto nos fala Alcino Soutinho nesta conversa que se estende para a vida privada, para as contrariedades de ser arquitecto e os obstáculos de se querer fazer uma arquitectura de "autor", com distinção e carregada de valores e de ideias. O projecto transporta, por vezes, pequenas experiências, trabalhos de pormenor, materiais, tipologias ou apenas aproximações a uma forma que são no limite tão válidas quanto uma solução resultante de uma análise teórica para determinado problema que o projecto ou o desenho melhor resolve.

Encontramos no discurso de Alcino Soutinho uma vontade de construção permanente, de materialização da arquitectura como um resultado inequívoco de um pensamento dirigido à construção e, por isso, com regras próprias decorrentes dos materiais, processos construtivos e capacidades tecnológicas que a cada momento permitem o desenvolvimento da sua arquitectura que as suas obras de um modo exemplar evidenciam e promovem.

A obra é nesta sua visão distinta e diferenciadora um resultado cumulativo de experiências, paciente e continuada arte de construir que Alcino Soutinho domina como poucos e a que não é alheia a sua prática de ensino como professor de construção, o que sempre lhe interessou e motivou.

Por isso, fala-nos de realismo, de pragmatismo e de construção acerca da sua arquitectura. Mais do que todas

as análises teóricas e históricas que emprestam saber e erudição a certas produções disciplinares, Alcino Soutinho revela um gosto pela experimentação, pela descoberta de soluções, pela concretização dos seus projectos.

O seu método criativo resulta de um permanente processo de síntese de experiências, ora locais ora internacionais, próximas ou distantes, da História da Arquitectura Moderna ou Contemporânea.

Alcino Soutinho diz-nos que o conhecimento é global e universal e que para cada problema se deve escolher a melhor informação e a melhor solução, sem dogmas ou fidelizações a ideias ou preconceitos. Por isso, a sua arquitectura é variada e permanentemente reinventada. Não obedece a padrões fixos, nem procura criar a sua linguagem, o seu distinto e único modo de ver e fazer. O seu receituário é plural e, nessa medida, alinhado com os diferentes tempos que a sua arquitectura espelha.

Há um realismo quase empírico em muitas das suas obras de excepção e, talvez por isso, a grande adesão (muitos foram seus alunos) que a sua obra desperta como um olhar “fresco”, mais colorido, para um país acinzentado que Alcino Soutinho contrapõe.

A propósito de uma casa que construiu em 1985, Alcino Soutinho esclarece a sua visão e o seu modo de fazer, ver ou entender a sua arquitectura, tendo por base a reinterpretação, a observação e a solução com vista a uma execução, dizendo: *“é uma casa que reinterpreta a tradição, sem folclores, que observa afluente sem naturalismo, que procura o sol seleccionando os seus rios.”*

Em certa medida, Alcino Soutinho apresenta-se como um arquitecto de consenso e, de facto, terá sido um dos mais bem compreendidos e (porque não dizer?) aceites no habitual e gasto confronto entre o Norte e o Sul que se verifica nas mais distintas áreas deste pequeno país cuja arquitectura (sobretudo numa época de “contagem de espingardas” como foram os anos 80/90) foi um campo próspero de batalha. No entanto, terá sido Alcino Soutinho quem melhor fez a ponte entre as duas visões disciplinarmente distintas: uma que procura continuidades e evoluções, outra que aponta a novidade como solução para um tempo aparentemente novo, a pedir uma linguagem rapidamente nova, que o pós-modernismo parecia ser a equivocada solução que o Sul propôs e melhor experimentou.

Há muito para estudar na obra que Alcino Soutinho nos dita. Não fosse, por vezes, a secular preguiça com que alguns dos nossos “teóricos” são assaltados – sem interesse pelo desenvolvimento de outros estudos, outras abordagens disciplinares, é certo que por vezes não-alinhadas, mas igualmente complexas e distintas como é o caso presente deste arquitecto – e estaríamos certamente na presença de uma maior visibilidade para a sua obra que se apresenta como um todo, cada vez mais coerente.

Alcino Soutinho não tem ainda a atenção merecida e justificada dentro do grupo de “fundadores” da Escola do Porto, talvez pela proximidade temporal, pela falta de tradição ou inexistência dos estudos necessários sobre a produção arquitectónica fora de uma corrente ou do estabelecido, numa espécie de preconceito próprio de quem confortavel-

mente prefere um certo “go with the flow” que alguma actualidade por vezes premeia. Pensamos que devemos ir noutra direcção, talvez mais próxima da que Alcino Soutinho nos revela neste depoimento, sobre as suas escolhas, o seu caminho e a sua direcção.

Porto, Junho de 2012

Carlos Nuno Lacerda Lopes